

# “Filhos do Rei Sebastião”, “Filhos da Lua”: construções simbólicas sobre os nativos da Ilha dos Lençóis

MADIAN DE JESUS FRAZÃO PEREIRA

Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/  
UFPA e doutoranda em Sociologia pelo PPGS/  
UFPB.

Artigo aceito para publicação em 28/09/05

**resumo** Este artigo aborda a construção do imaginário de uma ilha considerada “encantada”: a Ilha dos Lençóis, no Estado do Maranhão. Apresenta uma simbologia sobre os ilhéus, principalmente acerca daqueles singularizados por marcas corporais, os albinos. Enfatiza a compreensão explicativa das práticas discursivas do “universo de fora” (sobretudo matérias veiculadas na imprensa de uma maneira geral) e do “universo de dentro” (representações nativas) sobre duas denominações que sintetizam o imaginário sobre os albinos da Ilha dos Lençóis: “filhos da Lua” e “filhos do Rei Sebastião”.

**palavras-chave** imaginário, práticas discursivas, albinos, ilha encantada.

Na rota de lugares que incitam o imaginário sobre paraísos insulares, com uma verve que enaltece a “vida natural” e elementos “fantásticos”, insere-se a Ilha dos Lençóis, situada no litoral norte do Estado do Maranhão. Pertencente ao município de Cururupu, numa área denominada Reentrâncias Maranhenses, a Ilha dos Lençóis é singular e merece uma apreciação no intercruzamento de suas características naturais, culturais e simbólicas. Digamos que uma pluralidade simbólica reveste a Ilha, considerada “encantada”, en-

**abstract** This article approaches the construction of the imaginary of an island considered “enchanted”: the “Ilha dos Lençóis” (Lençois Island), in the State of Maranhão. It presents a symbology about the islanders, principally about those individualized by body birthmarks, the albinos. It emphasizes the explanatory understanding of the discursive practices of the “outside universe” (above all matters transmitted in the press in a general way) and of the “inside universe” (native representations) on two denominations that synthesize the imaginary on the albinos of the “Ilha dos Lençóis”: “children of the Moon” and “children of King Sebastião”.

**keywords** imaginary, discursive practices, albinos, enchanted island.

quanto morada do “encantado” Rei Sebastião, e que abriga uma comunidade de pescadores, com cerca de 450 habitantes, que pode ser considerada *sui generis* pela presença significativa de quase 3% de albinos em sua população, onde todos os nativos, albinos e não-albinos, autodenominam-se como “filhos do Rei Sebastião”.

Os nativos da Ilha dos Lençóis afetados pelo albinismo – uma anomalia congênita caracterizada principalmente pela ausência total ou parcial da melanina, do pigmento da pele – incitam uma simbologia muito rica a partir

de suas marcas corporais e do espaço onde seus símbolos estão alocados – numa ilha “encantada”, “isolada”<sup>1</sup> e “misteriosa”.

A Ilha dos Lençóis é considerada uma ilha encantada, enquanto lugar privilegiado para morada de El Rei Dom Sebastião, figura histórica, morto em batalha contra os mouros, nos campos de Alcácer-Quibir, na África, no ano de 1578. Segundo a crença messiânica, difundida em várias partes do Brasil, Dom Sebastião, o jovem rei de Portugal, não morrera, ele havia se encantado com todo o seu reinado, por sortilégio dos mouros, numa ilha (provavelmente marcada por muitas dunas à semelhança do deserto marroquino onde ocorrera a batalha), e que um dia ele há de emergir do fundo do mar, onde está sediado seu palácio de riquezas, para instaurar seu Império e distribuir bens materiais para os seus adeptos.

Crenças e mitogeografia permeiam a construção de um imaginário fantástico sobre a Ilha dos Lençóis. Segundo Pedro Braga (2001: 32):

Os primeiros portugueses que se instalaram naquela região, provavelmente escolheram as praias dos Lençóis para habitat do Rei pelo fato de suas dunas sugerirem alguma semelhança com a paisagem do Norte da África, onde desaparecera Dom Sebastião; ou talvez porque era presumivelmente a Ilha Afortunada a que se referem os textos antigos.<sup>2</sup>

1. A Ilha dos Lençóis, caracterizada pelo seu imponente conjunto de dunas, é uma ilha déltica (fluviomarina), localizada no arquipélago de Maiaú, a 160 km noroeste da capital do Maranhão, São Luís. O acesso à ilha é muito difícil, somente de barco ou de avião mono ou bimotor. A viagem de barco dura, em média, 12 horas a partir de São Luís e 7 horas a partir de Cururupu. Essa dificuldade de acesso é significativa na construção do imaginário sobre os mistérios de Lençóis. Uma “ilha encantada” não é para ser conhecida facilmente; as dificuldades fazem parte de um processo de desafio imposto aos aventureiros, àqueles que querem olhar o “Reino Encantado de Dom Sebastião”.
2. Poderia ser considerada uma das “ilhas afortunadas”

O sebastianismo foi transplantado para o Brasil sob várias vertentes, tais como: a dos movimentos messiânicos ocorridos no século XIX, com caráter de fanatismo, em torno de líderes carismáticos que se diziam reis e que pregavam o desencantamento de Dom Sebastião à custa de muito sangue, como nos movimentos da Cidade do Paraíso Terrestre (Monte Rodeador – PE), da Pedra Bonita (Vila Bela – PE) e do Império de Belo Monte (Canudos – BA) (cf. Queiroz 1976; Ribeiro 1982); e a vertente da Encantaria. Interessa-nos aqui destacar esta última vertente, na qual o gentil ou fidalgo Dom Sebastião surge como Rei Sebastião, uma entidade de cultos afro-brasileiros identificada como “encantado”, categoria – retirada da Pajelança amazônica – utilizada para se referir àqueles que viveram na Terra há muitos anos, “venceram a morte” e continuam “vivos” nas “encantarias”: “...que geralmente são concebidas como mundos situados no fundo das águas, dentro das árvores, ou abaixo da Terra (em outro planeta).” (Ferretti 2000: 108).

Segundo Maués & Villacorta (2001: 19), o Rei Sebastião “...habita em várias praias de ilhas existentes ao longo do litoral entre Belém e São Luís...”. No Pará, na região do Salgado, as “moradas” que se destacam são a da ilha de Maiandeuca (no município de Maracanã) e a da ilha de Fortaleza (no município de São João de Pirabas). No Maranhão, muitos pescadores e adeptos do Tambor de Mina – religião afro-brasileira predominante neste Estado – não têm dúvidas de que o “encante” mais forte está na “Praia do Lençol”.<sup>3</sup>

(*Insulae Fortunae*), na medida em que se localiza no Oceano Atlântico, à esquerda da Mauritània, como sugeria Santo Isidoro de Sevilha, a respeito da existência dessas ilhas, consideradas “ditosas”, que não deveriam ser confundidas com o paraíso bíblico. (Cf. Holanda 1994: 159).

3. “Praia do Lençol” ou “Praia de Lençóis” são os termos mais populares, utilizados sobretudo pelos ilhéus, referentes tanto ao povoado quanto à parte desabitada

O imaginário sobre a Ilha dos Lençóis é muito rico. Seja no discurso de jornalistas, de literatos, de compositores,<sup>4</sup> seja no discurso de pescadores, de adeptos das religiões afro-brasileiras, muito já se comentou sobre o “encante” da ilha: relatando-se que muitas pessoas de lá já viram El Rei Dom Sebastião em sua forma humana, ou em forma de um animal, mais precisamente de um touro negro; que na praia é possível encontrar-se objetos de ouro, mas que ninguém deve ousar em retirá-los de lá, pois os mesmos pertencem às riquezas do Rei Sebastião; e que a conhecida toada de caráter messiânico – *“Rei, é Rei, Rei Sebastião, quem desencantar Lençóis, vai abaixo o Maranhão”* – aponta que no momento em que Rei Sebastião se desencantar, o seu reinado emergirá e a ilha de São Luís, capital do Maranhão, submergirá. Além de tudo isso, o alto índice de albinismo verificado na “ilha encantada” suscitou diversas interpretações imaginárias sobre a comunidade local.

O índice de albinismo na ilha é considerado alto, já que é bastante superior à frequência normal que é de 0,0005% numa dada população. O alto índice de albinismo chamou a atenção de pesquisadores da área médica que, patrocinados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e outras instituições, foram até a localidade, em 1972. A explicação científica sobre o albinismo local foi dada por uma junta de médicos (oftalmologista, dermatologista, cardiologista e especialista em genética celular), interessada em estudar esta anomalia genética numa amostragem isolada. A expedição foi liderada pelo geneticista Newton Freire-

da ilha.

4. O patrimônio simbólico-cultural dessa comunidade é de certa forma conhecido, pois por várias vezes foi enredo de escola de samba, roteiro de peças teatrais, temas literários etc.; no entanto, não é reconhecido, pois a comunidade continua desassistida, seja pelo poder público, seja por aqueles que se apropriam de sua imagem.

Maia, da Universidade Federal do Paraná, que, através do levantamento de uma genealogia de seis gerações (com quase 400 pessoas), constatou a presença “...de uma forma muitíssimo rara de albinismo” em 18 pessoas (dentre estas, 3 falecidas e 5 não residiam na ilha), o que corresponde a uma frequência aproximada de 3% (Freire-Maia 1973: 13), decorrente de casamentos consangüíneos entre pessoas descendentes de Sebastiana Silva, filha de um português e de uma albina, que chegou à Ilha em 1900 – data em que, segundo fontes orais, o povoamento da Ilha é iniciado.

Embora haja uma explicação científica sobre a presença de uma concentração de albinos (de origem branca – descendentes de portugueses) bastante significativa numa amostragem isolada, o caráter de “mistério” que envolve essas pessoas ainda é muito grande e reflete um conjunto de representações dadas pelos moradores locais, albinos e não-albinos (na definição nativa, respectivamente, “brancos” – ou “louros” – e “morenos” – que podem ser considerados como caboclos, descendentes, em grande maioria, de índios e brancos),<sup>5</sup> pela religiosidade local (intercruzamento da Cura/Pajelança e do Tambor de Mina), e pela imprensa que de uma maneira geral vem veiculando matérias sobre a “excentricidade” da Ilha dos Lençóis e dos albinos que ali vivem.

Em meio a tantos dados instigantes, lancei-me a fazer uma pesquisa antropológica que resultou na minha dissertação de Mestrado, intitulada *“O Imaginário Fantástico da Ilha dos*

5. A população de Lençóis, bem como a de outras praias e ilhas do litoral cururupuense, caracteriza-se principalmente pela presença de pessoas de pele clara, indício da fraca penetração do contingente populacional negro expressivo nas áreas urbana e rural (campo) do município de Cururupu. Tal contingente negro é representado por descendentes de africanos trazidos, sobretudo, da Costa D’Ouro e do Daomé (hoje, Benin) para servirem de mão-de-obra escrava na fabricação do açúcar e da farinha de mandioca, nos engenhos da região.

*Lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*” (Pereira 2000), por meio da qual busquei analisar as práticas discursivas do “universo de fora” (sobretudo matérias veiculadas na imprensa, de uma maneira geral, e fragmentos encontrados na literatura, nas artes e nos registros de visitantes da ilha) e do “universo de dentro”, através de pesquisa de campo, apreendendo representações nativas, no sentido de perceber a construção do imaginário possibilitada por tais discursos e representações.

Colocando em evidência pontos dessa empreitada, através do intercruzamento das temáticas sobre corpo, imaginário e encantaria sebastianista, o presente artigo apresenta, de forma mais detida, uma parte do material proposto na dissertação, em que procuro esmiuçar as duas denominações que são fundamentais na construção da comunidade da Ilha dos Lençóis: 1) “os Filhos da Lua” – criação de fora, sobretudo de repórteres, a qual os ilhéus (albinos e não-albinos) rejeitam, posto que a consideram numa concepção negativa, que os estereotipa numa imagem de anormalidade; 2) “os Filhos do Rei Sebastião” – vertente da Encantaria, aceita por eles, na qual se pensam coletivamente nessa descendência mitológica cujo imaginário marca uma filiação com o “dono da ilha”.

## O discurso de fora sobre os “Filhos da Lua”

Como ilha encantada, cheia de mistérios, ainda considerada isolada, criou-se um imaginário sobre o desconhecido:

Conta-se que lá vive um bando de gente branca, de pele e cabelos da cor das dunas, que não suportam a luz do sol. Cognominaram-nos de ‘Filhos da Lua’, supondo que ela os teria concebido. E nas noites de luar mais intenso, essa mesma gente saía em longas caminhadas pelas

praias (romarias), cantando hinos estranhos numa linguagem indecifrável (Vasconcelos in *Manchete* 1980: 36).

A divulgação de um exotismo da Ilha dos Lençóis e de seus habitantes – dos albinos, em especial – se dá sobremaneira pelo discurso literário da imprensa, que ao exaltar “o natural” mantém estereótipos sobre esses ilhéus que entranham no imaginário dos receptores de tal discurso. A imprensa sensacionalista, de uma maneira geral, utiliza a expressão “os Filhos da Lua” para se referir aos albinos da Ilha dos Lençóis, com o intuito de “vender” uma imagem de exotismo.

O levantamento desse aspecto discursivo, que apresento em minha pesquisa,<sup>6</sup> consiste na apreciação de um material que se pode designar como documento de divulgação sobre a Ilha dos Lençóis e seus habitantes. Nesse material, estão inseridos, por exemplo, artigos de revistas de circulação nacional, artigos disponibilizados na internet, artigos de jornais locais, catálogos, informativos turísticos e vídeos-documentários transmitidos em canais televisivos.

De antemão, coloco que, dentre o material analisado, a divulgação do imaginário sobre os albinos é exaltada com uma reportagem da revista *Manchete*, de 24 de maio de 1980.<sup>7</sup> Em tal

6. Durante a elaboração da dissertação de Mestrado fiz um levantamento, sobremaneira, de matérias veiculadas na imprensa que discorrem sobre a excentricidade da Ilha dos Lençóis. Atualmente, estou dando continuidade a esse levantamento (sem pretensões de fazê-lo exaustivamente) na minha pesquisa de doutorado, cujo projeto de tese intitula-se *Ecoturismo e patrimônio cultural na “ilha encantada”*. Nesse empreendimento, colocam-se questões emergentes no momento em que em que a Ilha dos Lençóis é apresentada como vitrine num dos pólos de ecoturismo do Estado do Maranhão, procurando identificar o que e de que forma está sendo exposto como atrativo turístico e em que medida os nativos estão re-elaborando suas posições nesse novo cenário, com vistas tanto à conservação da biodiversidade local como do seu patrimônio cultural.

7. Em conversa com alguns nativos da ilha e com outras

matéria, lê-se a afirmação de que durante muito tempo a presença da colônia de albinos na ilha foi fruto de lendas e histórias fantásticas, mas que uma tentativa de desmistificação foi feita quando da expedição organizada pela OMS ao local, para estudar as características de tal albinismo e a sua origem. Alguns resultados da investigação, realizada por essa expedição médica, foram apontados na matéria jornalística. Contudo, o estilo de um jornalismo literário encontrado na matéria contribuiu para que o imaginário sobre os albinos continuasse vivo, através de um discurso que concebe os albinos como pessoas arredias, desconfiadas e de difícil contato, principalmente em relação ao assédio da imprensa.

Pela força de tais práticas de linguagem, os albinos ainda hoje são pensados como seres arredios. Uma gente estigmatizada por um discurso que além de ter sido impresso repetidamente, é expresso, transmitido de “boca em boca”, por aqueles que têm um conhecimento superficial ou ao menos já “ouviram falar” da Ilha dos Lençóis e seus mistérios. Mas se os albinos são assim considerados, não se descarta a hipótese de que haja uma base para que o estigma se perpetuasse; ou seja, apreendendo-se algumas representações nativas sobre o conteúdo dessa matéria, nota-se que alguns albinos tornaram-se por certo tempo arredios numa atitude reativa ao contato que para eles foi mal sucedido.

Entre os escritos analisados, um dos que chama maior atenção é o do jornal *Vagalume* (jan.-fev. 1989) – suplemento cultural do

peças de São Luís que tiveram acesso às primeiras formulações escritas sobre os albinos da Ilha dos Lençóis, essa construção primeva se deu no ano de 1972 com duas reportagens: uma da revista *O Cruzeiro* e a outra da revista *Veja*. A referência da matéria principalmente da revista *O Cruzeiro* está no discurso dos nativos, como a reportagem que primeiro lançou mão da denominação “Filhos da Lua” para se referir aos albinos da localidade, cujo conteúdo é criticado pelos nativos porque, segundo seus relatos, foi muito pejorativo em relação a eles e cheio de “invenção de repórter”.

*Diário Oficial do Estado do Maranhão* – que é uma compilação de várias matérias sobre a Ilha dos Lençóis em que se percebe, de uma maneira geral, um discurso naturalista presente nos textos. Uma matéria (sem autoria) do referido jornal apresenta o povo da Ilha como fatalmente marcado pelo determinismo do meio, reforçando a idéia de que tudo é provisório e precário, e, ainda mais, a ressaltar o destino a que os albinos da Ilha estão sujeitos, devido ao envelhecimento precoce e doenças de pele.

Para o nativo, principalmente os albinos, tudo é provisório, precário.

Existencialistas, os seres humanos da Ilha dos Lençóis constroem suas casas de estrutura leve, isto é, de madeira, sobre jiraus – casas modestas, simples, sem a expectativa da permanência, do imóvel construído para durar.

Tem o habitante de Lençóis o instinto de que a vida para eles é breve e não alimenta sonhos para o futuro. Existe e aproveita o tempo presente (*Vagalume* 1989: 6).

Além do discurso naturalista, nota-se que em todos os escritos há uma exaltação da beleza fantástica do lugar, e que a maioria privilegia o mito sebástico e os mistérios da Ilha. Senão vejamos:

Tal qual o mito que a cerca, Lençóis, uma das muitas ilhas das Reentrâncias Maranhenses, parece impalpável. Vista do ar, das janelas de um velho Sêneca que a sobrevoa, é como uma pérola luzidia em meio ao oceano, tantas e tão brancas são as suas areias. Neste pedaço do mar ocidental do Maranhão, banhado e escurecido por um incontável número de rios a fazer meandros e a criar mangues, ela salta aos olhos. Ilha-mitomiragem (Rocha 1996: 78).

São miragens que despontam no desenho irre-

gular desse litoral, o mais recortado do Brasil, já em terras da Amazônia.[...] Ali confluem o bafo quente do deserto e o verde da floresta. Da memória ancestral saltam fantasiosas visões que deram origem a lendas. Numa delas aparece o rei D. Sebastião. Em noites de lua, o monarca derrotado pelos mouros toma a forma de um touro negro, com uma estrela na testa. [...] Navega também pelos “furos”, canais formados pelas águas das marés mais altas da nossa costa, que invadem o continente e encontram os rios. [...] A imensidão de águas serve de refatório para bandos de aves pernaltas de colorido avermelhado, símbolo dessas paragens. São os guarás. Estamos na costa oeste do Maranhão, fronteira com o Pará. Bem-vindos às Reentrâncias. Bem-vindos à floresta dos guarás (Pavone. Disponível em <http://www.jt.estadao.com.br/suplementos/turi/2002/01/31/turi003.htm>).

O Maranhão é uma terra de alma negra. Disso não há dúvida. As tradições africanas, trazidas na pestilência do navio negreiro, criaram raízes profundas na cultura regional, transformando o Estado num pedaço de Mãe África no Brasil. [...] Há um lugar, porém, onde o Maranhão é, antes de tudo, branco, muito branco: na Ilha dos Lençóis, no Arquipélago de Maiaú. Para começar, o panorama é dominado pela palidez monocromática de dunas sem fim, a Morraria, segundo os locais. Os habitantes deste lugar, aliás, merecem destaque especial: são brancos, branquíssimos, mais até que as próprias dunas. De tão brancos que são, ficaram conhecidos como os “Filhos da Lua” pelos poucos viajantes que se aventuravam pela região (Ajl. Disponível em <http://www.terra.com.br/turismo/diario/2003/03/14/>).

A geografia exótica da “ilha-mito-miragem” fornece matéria-prima para a construção do imaginário fantástico, dado pela perplexidade ou deslumbramento diante do diferente, con-

tribuindo para a imaginativa popular. O que dizer então de ilhas isoladas que oferecem praias desertas, paisagens desconhecidas que abrigam um povo e sua cultura quase intocados?

Se há por um lado questões sobre a natureza do espaço, há também questões sobre as gentes que ocupam esse espaço. O foco central continua sendo a busca desse “outro”. A busca se dá ou como forma de exploração ou como forma de reflexão e anseio por um “retorno” a uma vida mais natural.<sup>8</sup>

Os nativos da Ilha dos Lençóis são apresentados, pela análise que faço, ora na visão infernista (principalmente pelos artigos de matérias sensacionalistas), ora na visão edênica (principalmente sob a ótica dos relatos dos visitantes e das incipientes propagandas ecoturísticas).<sup>9</sup> Os

8. Se os viajantes de outrora se aventuravam além-mar em busca do éden bíblico que se acreditava perdido em algum lugar recôndito ou de um eldorado pagão – as “Ilhas Afortunadas” que “...se achavam perdidas entre as águas do oceano, quase inacessíveis aos mortais...” (Holanda 1994: 160) – os viajantes atuais, como os que visitam a Ilha dos Lençóis, parecem continuar envolvidos com a busca de espaços desconhecidos, de preferência, terras distantes e isoladas, só que agora em busca de um outro tipo de “riqueza”: a possibilidade de encontrar um refúgio paradisíaco para que possam se afastar dos problemas das sociedades urbanizadas e industrializadas. A observação sobre os viajantes é interessante para se perceber como se dá a construção de um mercado simbólico do exotismo que propaga a imagem da Ilha dos Lençóis no projeto de desenvolvimento do ecoturismo na região. Nessa construção vem à tona o mito do paraíso perdido, através da idéia da natureza intocada (cf. Diegues 1998), o que faz crescer um consumo visual do meio ambiente atrelado à ilusão do primitivismo.
9. Na esteira do Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal (PROECOTUR), percebe-se que a divulgação do lugar está crescendo através do programa de turismo do Governo do Estado do Maranhão denominado “Plano Maior”. A Ilha dos Lençóis faz parte do pólo ecoturístico intitulado, pelo referido programa, de “Floresta dos Guarás”, cuja porta de entrada é o município de Cururupu. Chamo a atenção para que não se confunda a Ilha dos Lençóis com

discursos analisados são reveladores de como as imagens sobre a Ilha dos Lençóis são reinterpretadas e rerepresentadas constantemente. O imaginário em torno da Ilha é marcado por essas leituras através de lentes. Tem-se uma visão ofuscada pela rememoração dos muitos mitos contados e pelo contato direto com a “geografia fantástica”. São construídos, assim, discursos literários, entre a ficção e a realidade.

Ainda sobre meios de comunicação que participam da construção do imaginário sobre os albinos da Ilha dos Lençóis, não poderia deixar de mencionar uma das matérias sobre o assunto em que fui solicitada a conceder entrevista, como pesquisadora do universo de representações sobre os albinos da “ilha encantada”.<sup>10</sup>

A respeito da referida matéria, da revista *Seara*, há uma deturpação muito grande das informações passadas por mim ao repórter, e que não pude revisar porque não tive acesso ao material antes de sua publicação. E um fato a mais a destacar: como se trata de uma revista evangélica, sua divulgação fica muito restrita ao circuito das igrejas evangélicas, em especial, da Assembléia de Deus, ou à compra pelo sistema de assinaturas.<sup>11</sup>

A matéria é construída por fragmentos da minha entrevista (por três vezes são citadas falas minhas) e por depoimentos de um pastor que faz pesquisa sobre o mito do sebastianismo e que esteve na ilha no ano de 1984. E o que chama muito a atenção são os estereótipos atri-

buidos aos albinos e a insistência na urgente propagação do evangelho na comunidade de Lençóis. Assim, encontram-se na matéria de Soares (*Seara* abr. 1999) trechos tais como:

O fenômeno genético chamado albinismo está presente em toda população local [...] Seriam extra-terrestres? Gente de outro mundo? Afinal, que seres humanos são esses que assustam uns e chamam a atenção de outros?! (: 13).

O pastor acredita que um trabalho de evangelização adequado deva ser feito com urgência, pois atualmente, embora seus descendentes estejam nascendo de cor diferente e conseguindo prolongar um pouco mais seus anos de vida, outro fator constitui desafio para a obra missionária: os moradores cultuam o rei Sebastião e afirmam que um dia ele virá para arrebatá-los. (: 14).

Na exaltação da diferença são atribuídos fortes estigmas e preconceitos. No discurso evangélico os albinos estão fora da cultura e fora da religião que lhes possibilitaria a salvação. Há um clamor para que um forte trabalho de evangelização não tarde a chegar na “comunidade de albinos” que, para os evangélicos, se encontra adormecida sob o mito sebastianista, sem conhecer a salvação em Jesus Cristo.

A grande maioria das matérias da imprensa escrita sobre o imaginário da Ilha dos Lençóis procura instigar o leitor sobre as lendas e mistérios do lugar, enfatizando a excentricidade dos albinos que ali residem, através de um estilo de discurso que designo como pseudo-documentário (apresentado por meio não só

o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, que se localiza na porção oriental do Estado, ocupando uma área de 155 mil hectares, e que vem se consolidando como o carro-chefe do turismo no Maranhão.

10. Concedi entrevistas a jornalistas das seguintes revistas: *Parla* (Garrone & Fávila Regina fev. 1999), *Seara* (Soarez abr. 1999), *National Geographic Brasil* (Moura & Correa fev. 2004) e *Almanaque JP Turismo* (Moura & Correa ago./set. 2004).

11. Lamentavelmente, só recebi um exemplar da revista em dezembro de 1999, enquanto que a mesma foi posta em circulação desde abril daquele ano.

de textos como de imagens),<sup>12</sup> interessado em propagar o imaginário sobre lugares e pessoas “exóticas”. O fato é que essas reportagens acabaram gerando muito constrangimento para a comunidade, principalmente para os albinos. Desde a década de 1970, a Ilha sofre visitas, sobretudo de repórteres que por lá aportam, em busca do exótico ou da sua invenção, o que de alguma forma agrediu a população. Chega-se a essa conclusão através do bloqueio colocado por alguns albinos e moradores mais antigos da Ilha. Tal bloqueio se dá, por exemplo, na forma de taxas cobradas para entrevistas e fotografias aos visitantes, com certas exceções a pesquisadores que conseguem estabelecer uma relação de maior confiança.

### **O discurso de dentro: albinismo, encantaria e os “Filhos do Rei Sebastião”**

Além de me enveredar em destrinchar os discursos de fora, o empreendimento antropológico vigente consiste na abordagem da compreensão explicativa, tomando a cultura como um texto a ser interpretado, investigando como os observados representam e através de quais lentes percebem suas próprias crenças e condutas, apreendendo, assim, as representações nativas pelo exercício da interlocução.

Como entender então um pouco do “uni-

12. Chama-se a atenção aqui para uma das matérias mais recentes de circulação nacional que foi a da revista *Isto É – Filhos do Encanto* (06 fev. 2002). O fato é que “o diferente” é apresentado como uma peça à visitação de curiosos, como foi mostrado – pelos responsáveis da reportagem – o corpo de Seu Macieira, um dos albinos mais velhos da comunidade – atualmente, residente em Cururupu – que sempre se mostrava muito simpático e receptivo para dar informações às pessoas de fora. E com tanta receptividade, e talvez ingenuidade, foi alvo de exploração, no que se refere à exposição indelicada que teve de suas marcas corporais, já tão combalidas pelo câncer de pele.

verso de dentro”? Como os nativos da Ilha dos Lençóis se auto-representam? Diante disso, comecei as minhas indagações sobre a genealogia da suposta genitora da “história” da localidade, D. Sebastiana Silva. Para tanto, busquei apreender fragmentos de narrativas biográficas de três albinos, descendentes de D. Sebastiana Silva: D. Neusa (80 anos), Seu Macieira (72 anos) e Telma (38 anos).<sup>13</sup> Os dois primeiros são netos de D. Sebastiana Silva e são primos paralelos. Telma é bisneta de D. Sebastiana Silva, sendo filha de uma prima paralela de D. Neusa e de Seu Macieira. Segundo seus relatos, da união de D. Sebastiana Silva com Seu Tributino Marino Oliveira nasceram quatro filhas não-albinas – Basília, Vicência, Raimunda Amada e Alzira – que geraram filhos albinos.<sup>14</sup>

Unões entre parentes são frequentes na comunidade de Lençóis, o que nos leva a pensar numa tendência endogâmica. Dificilmente uma mulher se casa com um homem “de fora”. Aliás, casamento não é um termo muito utilizado pelos nativos de Lençóis. Como a maioria dos casais não são reconhecidos pelo contrato civil e/ou religioso, isto é, não são casados formalmente, alguns interlocutores, no início da minha investigação, diziam que em Lençóis não havia casamentos entre parentes, muito menos entre primos. Fiquei então intrigada: como se justifica a tese de que o alto índice de albinismo na Ilha é devido a casamentos consangüíneos?

Somente com a observação direta e com conversas informais junto a diversas pessoas da localidade é que percebi que eu estava formulando perguntas “atropeladas”, sem, portanto, utilizar o vocabulário nativo. Quando as reformulei, indagando se havia parentes que se

13. Os trechos das entrevistas apresentados neste ensaio foram coletados, em sua maioria, em 1999, porém as idades dos meus interlocutores estão atualizadas, isto é, referentes ao ano de 2005.

14. D. Neusa é filha de Basília, Seu Macieira é filho de Vicência, e Telma é neta de Alzira.



“amigavam”, a resposta era bem diferente da anterior. Como diz Seu Macieira:

Aqui o pessoal não são muito à distância uns dos outros. A maioria aqui tudo é parente. [...]Essa filha aqui minha é amigada a bem dizer com um primo dela, que é o Domingos Araújo. Ele é filho duma prima minha. Tem outro filho que é parente da mulher. Eu sou filho do pai que é irmão do pai dele. Meu primo era filho do pai que é irmão do pai dele (18.01.1999).

As descrições do grau de parentesco parecem um tanto confusas; no entanto, são reveladoras da frequência com que se dão as uniões e de como são consideradas corriqueiras. Não são consideradas, portanto, algo inusitado, que seja observado com tantas minúcias. Sabe-se apenas que “todo mundo é parente”, porque são “do lugar”.

A tendência endogâmica na comunidade remonta a uniões de duas filhas não-albinas de D. Sebastiana Silva (Basília e Alzira) com dois irmãos não-albinos (Saturnino e Nazaseno) de uma outra família. “Daí para frente o casamento entre primos foi o responsável pelo grande número de albinos na Ilha.” (Vasconcelos *in Manchete*, 1980: 37).

Aqui começa uma confusão terminológica que frutificou uma “maldição” sobre os habitantes da Ilha dos Lençóis. Segundo relato de um primo não-albino de Seu Macieira, Zé Mário,<sup>15</sup> que é curador/pai-de-santo, quando a imprensa noticiou que a história dos albinos de Lençóis tivera início com a união conjugal entre dois irmãos e duas irmãs, interpretou-se que se tratava de uma relação incestuosa, entendendo-se que seriam irmãos e irmãs, filhos dos mesmos pais. Isso levou muitas pessoas “de fora”, até mesmo de lugares vizinhos, a considerá-los como uma “raça amaldiçoada”.

15. O pai de Zé Mário, Flaviano, era irmão de Basília, Vicência, Raimunda Amada e Alzira. Ele quase nunca é citado pelos ilhéus na reconstituição genealógica, porque não teve descendentes albinos.

Apesar dessa definição de que o povoado de Lençóis seria habitado por uma “raça amaldiçoada” não se encontrar de forma corriqueira nas representações dos nativos, conforme indagações feitas por mim a várias pessoas, ela aparecia quase sempre como alguma “invenção” de repórter para “maltratar na revista os brancos” (D. Neusa 02.07.1999). Também se pode dizer que a representação quanto ao termo “amaldiçoado”, em outras apreensões do discurso nativo, reforçava a idéia de que essa designação dada a um povo resulta da quebra de uma regra universal: a proibição do incesto (cf. Lévi-Strauss 1976). Embora esse dado seja interessante, o mesmo não foi aprofundado devido à carência de informações a seu respeito.<sup>16</sup> Com isso, passei a observar outros aspectos referentes às relações de parentesco encontradas em Lençóis.

Entre os ilhéus de Lençóis o parentesco apresenta um marcado *bias* matrilinear. Do universo de parentes conhecidos de uma pessoa, a maioria é formada por parentes matrilaterais, e os laços de solidariedade e afetividade são mais fortes entre estes. Outro dado que deve ser observado é quanto à transmissão do albinismo. Os relatos dos meus interlocutores convergem no sentido em que atribuem às quatro irmãs, filhas de D. Sebastiana Silva, a procriação dos filhos e dos demais descendentes albinos.<sup>17</sup> Os companhei-

16. O que se pode destacar do contexto narrativo aqui ventilado são elementos estruturais que evidenciam as categorias de incesto como sendo base lógica em quase todos os mitos, conforme indicações de Leach (1983: 67) em sua análise sobre mitos bíblicos, de onde se extrai os seguintes fragmentos: “...o tema do incesto homossexual da estória de Caim e Abel reaparece na saga de Noé quando este, bêbado, é seduzido por seu próprio filho Cam (9, 21-5). Os cananeus, descendentes de Cam, são por isso amaldiçoados. [...] Bêbado, Lot é seduzido por suas próprias filhas (19, 30-8). Os moabitas e amonitas, descendentes dessas filhas, são por isso amaldiçoadas”.

17. Vale ressaltar que pela explicação científica (da genética) não há nenhum dado que indique que a mãe, e não o pai, seja a principal transmissora dos genes re-

ros dessas mulheres nunca são citados, a não ser que se insista em perguntar quem eram eles. A ausência dos nomes dos “maridos” das filhas de D. Sebastiana na memorização da árvore genealógica dos albinos acentua, portanto, o viés matrilateral da comunidade.

A rede de parentesco de qualquer pessoa nativa é bastante significativa. Todos sobrevivem através de suas relações com parentes, principalmente no que diz respeito às pescarias, das quais, geralmente em grupo, eles obtêm seu sustento. Os albinos, como os outros ilhéus, participam das pescarias sem nenhum tipo de discriminação. Entretanto, não se pode dizer que eles interagem em perfeita harmonia com o ambiente natural que os cerca, pois sentem na pele, literalmente, os efeitos de um trabalho sob o sol escaldante.

Sem poderem se proteger habitualmente (com óculos escuros, chapéu, camisa de manga comprida e bloqueador solar) contra os raios ultravioletas, os albinos são vítimas de doenças de pele, e alguns foram levados ao mais grave tipo de câncer de pele: o melanoma. Estes albinos morreram precocemente por falta de uma assistência médica adequada. A única assistência que tinham, de fato, segundo alguns depoimentos, era a de suas mães (principalmente), de filhas ou de irmãs. A maioria dos outros parentes tinham “nojo” e nem chegavam perto do convalescente. Esta constatação leva-nos à observância do princípio de “distância de sangue”, trabalhado por Woortmann: “...quanto maior a *distância*, tanto menor a obrigação. [...] Teoricamente os laços mais fortes seriam aqueles entre dois parentes afastados um grau (irmãos, pais e filhos) que vivem próximos um do outro e que mantêm contato constante...” (1987: 156).

cessivos que condicionam o albinismo. “Como cada pessoa recebe um ou outro desses genes [A e a], através de cada gameta *que recebe de seus pais*, há indivíduos AA, Aa e aa. Os indivíduos AA e Aa são normais (o alelo A é dominante; o a é recessivo); os indivíduos aa são albinos.” (Freire-Maia 1987: 33; grifo meu).

A “doença que come as partes do corpo”<sup>18</sup> de certa forma é um assunto tabu para os ilhéus que se consideram, pelo menos por enquanto, estar livres da doença. O câncer é uma doença da qual se evita comentar, pois é “a antívida em estado puro, objeto de vergonha e de escândalo” (Laplantine 1991: 103). O câncer do qual os albinos padecem, particularmente, manifesta-se no mais exposto órgão humano (o mais exteriorizado e visualizado), a pele, e, portanto, sujeito à percepção dos sinais corporais e à estigmatização.

Embora os ilhéus não expressem com clareza a origem ou as causas das “feridas” malignas, eles consideram que os “brancos” estão mais sujeitos à doença por conta da fragilidade de suas peles em exposição excessiva ao sol. Os nativos colocam as representações do câncer assentadas em causas naturais, ou simplesmente acham que a doença seja uma fatalidade; isto é, que alguns podem ser acometidos, outros não. Assim, o câncer é pensado como doença individual e não coletiva. Em contrapartida, a anomalia congênita caracterizada pela falta de pigmentação na pele é tida como uma manifestação corporal muito mais coletiva que individual, não importando o pequeno número de albinos da localidade que expressa essa coletividade.

Para acrescentar um ponto já ventilado, uma das representações coletivas sobre os albinos de Lençóis é a de que eles se configuram como uma “raça amaldiçoada”. Aqui recorro a Laplantine (1991: 229), que nos faz pensar na categoria “doença-punição”, que é a repre-

18. O câncer de pele é denominado pelos nativos através dos termos “canco”, “ferida”, “doença que come as partes do corpo”, “doença que maltrata os brancos”. A presença do “canco” só é reconhecida quando a doença se apresenta bastante explícita. Muitas pessoas de Lençóis com certo grau de albinismo apresentam uma pele bastante espessa com manchas na pele e pequenas feridas, mas afirmam que isso é uma coisa normal, uma consequência da exposição excessiva ao sol, sem maiores complicações à saúde.

sentação da doença como “...conseqüência de uma transgressão *coletiva* das regras sociais, [...] conseqüência do pecado coletivo e individual”. Desse modo, os albinos de Lençóis puderam ser pensados na categoria de “raça amaldiçoada”, como relatou o curador/pai-de-santo Zé Mário, como um castigo merecido para a coletividade pelo fato de determinados integrantes do grupo terem transgredido a uma lei: a proibição do incesto. Porém, há de se levar em conta que essa definição é a mais fracamente percebida no universo das representações nativas sobre o albinismo; talvez porque seja muito mais interessante os ilhéus se pensarem enquanto uma “raça” privilegiada, “Filhos do Rei Sebastião”, partícipes da corte “encantada”, a se pensarem enquanto uma “raça” castigada.

O que está em questão é que nas representações nativas o albinismo sempre se manifestará: “Essa raça dos ‘brancos’ sempre vai ter, porque acredito que isso é do lugar.” (Zé Mário 26.05.1999); “...uns morrem, outros já nascem: assim é que é.” (Seu Macieira 19.01.1999).

Independente da causa da morte, pessoa alguma falecida é enterrada na Ilha dos Lençóis, a não ser natimortos, os “anjinhos”. Na Ilha dos Lençóis não há cemitério. O receio, então, não é só com as pessoas acometidas pelo câncer de pele. Alguns depoimentos sobre a ausência de cemitério na ilha fornecem representações sobre o fato:

O finado Sissi e a Zuca tentaram reunir algumas pessoas do Lençol pra fazer um cemitério, mas o pessoal não tinha coragem de fazer o cemitério aqui no lugar. Morre uma pessoa tem que enterrar lá no Bate-Vento... (D. Neusa 04.07.1999).

*Não tem cemitério por causa do encante e porque a terra anda muito. Eles têm medo. Eu tenho certeza que Lençóis é encantado* (Zé Mário 26.05.1999; grifo meu).

A partir desses depoimentos, extrai-se o seguinte dado: os nativos de Lençóis têm medo de construir um cemitério no lugar, uma morada (no plano material) para os mortos, por causa do “encante” da ilha – mundo do fundo onde “vivem” pessoas que nunca morreram.

Os mortos, situados “nas fronteiras do *no man’s land* antropológico” (Morin 1997: 24), são seres ambíguos que precisam ser colocados em seus devidos lugares, de acordo com o tratamento dado pela cultura especificada. Para os nativos de Lençóis, enterrar o corpo morto “é um meio de a comunidade assegurar a seus membros que o indivíduo morto caminha na direção da ocupação do seu lugar determinado, devidamente sob controle.” (Rodrigues 1986: 53). E é justamente isso que não aconteceria em Lençóis se ali fossem enterrados os seus mortos, pois supõe-se que debaixo daquelas areias há um mundo da Encantaria que reproduz o mundo real, cheio de vitalidade.

Com a constatação desse fato, pude perceber o quão é significativa a crença na Encantaria sebastianista, interferindo no *ethos* e na visão de mundo dos nativos, dando subsídios para se analisar as construções simbólicas em torno da nomeação “Filhos do Rei Sebastião”. Por outro lado, muitas pessoas “de fora” fazem referência aos albinos através da seguinte descendência mitológica: “Filhos da Lua”. Essa denominação foi memorizada através da recepção de um discurso dos meios de comunicação que assim faziam suas “chamadas”. Na matéria da revista *Manchete* (1980), o repórter atribuiu a origem dessa cognominação a uma história inventada pelo patriarca da Ilha, Saturnino Oliveira, pai de D. Neusa. Com uma conotação de um furo jornalístico, o repórter diz o que o patriarca da Ilha lhe confessou:

O patriarca da ilha, Saturnino de Oliveira, que diz ter oitenta e tantos anos, bom de conversa e com a vitalidade de um pescador mais jovem,

ri quando se fala nos Filhos da Lua: ‘Essa história foi inventada por mim para me livrar de um português perguntador que apareceu por aqui, senhor. Ele vivia sempre olhando meus filhos, com tanta admiração que dava até pra desconfiar. Um dia ele tomou coragem e veio falar comigo. Disse que na sua terra havia muitos brancos e louros, mas ninguém tão branco como meus filhos. E perguntou como eu explicava aquilo... Aí para não estender muito a conversa, eu disse que quando as mulheres, nos primeiros meses de gravidez, saíam a passear nas noites de lua cheia pelas dunas, o clarão da lua transformava os meninos, dando-lhes à pele e aos cabelos a brancura de sua luz’... (in *Manchete* 1980: 38).

Como Seu Saturnino já é falecido, recorri à D. Neusa para que ela desse a sua versão sobre esse depoimento posto na reportagem. Ela diz que seu pai gostava muito de conversar com as pessoas “de fora” e que falava que a natureza do lugar poderia ter alguma relação com o nascimento de albinos, mas que essa suspeita nunca chegou a ser afirmada categoricamente para ninguém, e que tudo não passa de invenção dos repórteres.

De qualquer forma, cabe ainda instigar a consideração sobre o princípio associativo que rege a simbologia do nascimento dos albinos com a atuação do brilho da Lua sobre as mães grávidas que passeiam sobre as dunas em “noite de lua”. Ou seja, a simbologia da transmissão de cor de um corpo (humano ou não) para outro nos remete ao princípio da “magia simpática”, trabalhado por Frazer (1982: 35), o qual supõe: “...a possibilidade de interação entre coisas que estão distantes umas das outras, através de uma simpatia secreta, sendo o impulso transmitido de uma a outra por meio do que poderíamos conceber como um éter invisível...”. Daí o imaginário sobre a Lua e o nascimento de albinos ser frutificado por um princípio simpático.

Também não se pode desprezar que a Lua

acompanha a imaginação desde as primeiras civilizações, estando associada à fertilidade e à mulher. Há de se notar que a Lua fomenta uma pluralidade de representações associadas à “... morte e renovação, obscuridade e clareza...” (Durand 1997: 295). O imaginário sobre os “Filhos da Lua” busca emitir uma explicação fantástica sobre fenômenos naturais envoltos numa redoma de “mistério”, como é o caso do nascimento de pessoas albinas numa incidência fora do comum constatada numa amostragem isolada. Mas também há de se chamar atenção para o fato de que essa é uma explicação mais “de fora” que “de dentro”, buscando-se uma lógica, uma invariabilidade de no conjunto das representações universais.

Buscando-se as representações nativas, percebe-se que os albinos sempre ficam contrariados com essa alcunha a que foram relegados porque lhes dá a impressão de que seriam pessoas desconhecedoras do processo de fecundação, e assim rejeitam a idéia de que o astro lua substitua o genitor masculino. Conforme a indignação de Telma e de D. Neusa:

Dona, como é que Lua vai fazer filho?! Lua não ‘nhanha’... Isso é só invenção. (Telma 06.09.1998).

Como é que a gente vai ser Filho da Lua, senhora?! (risadas). Foi isso que inventaram. Foram botar isso numa revista. Isso foi o que o papai também se aborreceu: que o filho do Saturnino mais a Basília Oliveira Silva era Filho da Lua.” (D. Neusa 19.01.1999).

O “diferente” é apresentado na Ilha dos Lençóis por discursos internos e externos que exaltam a Encantaria do lugar e a misteriosa presença de pessoas de pele tão alva como a cor das dunas ou da Lua, e cuja referência a tais pessoas se dá por uma postura de exotismo e perplexidade advinda, sobretudo, de reportagens que têm interesse em lançar mão da moda ocidental do exotismo. A Ilha dos Lençóis,

quando é retratada pelos meios de comunicação, pelo teatro e pela literatura, é apresentada sob os adjetivos: encantada, misteriosa, fantástica, fascinante, isolada etc. Tais adjetivos tornam-se ícones do imaginário sobre o lugar, tanto pela formação geográfica marcada por um imponente conjunto de dunas, como pela Encantaria, morada do Rei Dom Sebastião. O “cenário fantástico” se completa com a presença de “nativos exóticos”: os albinos.

### Re-significações sobre a filiação dos nativos da “ilha encantada”

A representação do “diverso”, através da pigmentação da pele, está em pauta. Identifica-se a construção de um estigma a partir de marcas corporais e também do imaginário mítico que o envolve, onde se dá a explicação da existência desses seres humanos “descoloridos” através da filiação no universo mítico, ora como “Filhos do Rei Sebastião”, ora como “Filhos da Lua”. E através desta última designação, alguns elementos dão subsídios para ser pensada a criação de um imaginário fantástico – a cor da pele (a “não-cor”) dos albinos e o lugar “encantado” onde vivem – com a possibilidade de se refletir sobre uma gênese ambígua:

Brilho da Lua Cheia	Mulher Grávida	Feto (atingido) = Albino
↓	↓	↓
(Natureza)	(Humanidade)	(Natureza/Humanidade)

Se levarmos em conta que esta tríade apontada seja uma operação de uma estrutura mítica, logo devemos pelo menos suspeitar que haja em seu conjunto uma mensagem cifrada que precisa ser interpretada. O mito sobre “os Filhos da Lua”, embora rechaçado pelos albinos, possui um grande valor não em termos de uma “verdade”, mas sim por possuir uma eficácia ao criar e projetar para o “universo de fora” uma imagem “exótica” dos ilhéus “descoloridos” de Lençóis. Imagem

essa reforçada pelos princípios estruturais do mito, no qual a gênese dos albinos não pressupõe um tempo cronológico e é marcada pelo desaparecimento de barreiras entre Natureza e Cultura (Humanidade), e por isso a comunicação e a fertilidade entre esses planos tornam-se possíveis.

Concebo que, pela análise privilegiada na presente abordagem, a perplexidade é o foco instaurador da identidade/alteridade. Fornecida pelos discursos “de fora”, a perplexidade contribui para apresentar os albinos numa imagem estereotipada, em que o *ethos* do grupo é condicionado pela natureza somática dos indivíduos, tendo sua gênese condicionada também à “exótica” natureza mesológica da “ilha encantada”. E assim tem-se uma identidade sobre os albinos construída, sobretudo, pela terminologia “os Filhos da Lua”. Por outro lado, os nativos reforçam uma identidade de pertencimento a um povo, mas não como descendente do satélite natural, e sim como descendente do rei que se encontra “encantado no fundo” da Ilha dos Lençóis: seriam “os Filhos do Rei Sebastião”.

As representações “de dentro” a respeito de símbolos diferenciadores, contrastados em relação a outros grupos, como por exemplo em relação às comunidades vizinhas de pescadores, vêm à tona quando propagam que os nativos da Ilha dos Lençóis são “Filhos do Rei Sebastião”, concebendo a presença dos sinais adscritos marcados nos corpos de determinados ilhéus como reveladora de uma identidade que se estende a toda coletividade nativa. Ou seja, é reveladora de que não são só as pessoas estigmatizadas que representam o sobrenatural, mas que toda a Ilha dos Lençóis é misteriosa, cujo o reinado é do Rei Sebastião, e, portanto, todos os nativos são seus filhos/súditos. Dessa forma, o “outro” não quer ser apresentado como “exótico” no plano da natureza, mas sim identificado no plano da sobrenatureza, identificação esta em direção a uma identidade onírica de pertencimento a um povo “eleito”.

## Referências bibliográficas

- AJL, Daniel Henry. “Ilha dos Lençóis”. *Terra: on-line, Diários de Viagem*. Disponível em: <http://www.terra.com.br/turismo/diario/2003/03/14/>.
- BRAGA, Pedro. 2001. *O Touro Encantado da Ilha dos Lençóis: o sebastianismo no Maranhão*. Petrópolis: Vozes.
- DIEGUES, Antônio C. S. 1998. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB/USP.
- DURAND, Gilbert. 1997. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- FERRETTI, Mundicarmo. 2000. *Desceu na Guma: o caboclo do tambor de mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís: a Casa de Fanti-Asbanti*. 2ª ed. rev. e atual. São Luís: EDUFMA.
- FRAZER, James. 1982. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- FREIRE-MAIA, Newton. set. 1973. “Genética de populações e saúde pública”. *Ciência & Cultura*. 1 (25): 11-17.
- \_\_\_\_\_. 1987. *Brasil: Laboratório Racial*. 8ª ed. rev. Petrópolis: Vozes (Coleção Cosmovisão).
- GARRONE, Raimundo & Flávia Regina. fev. 1999. “O mito sob as cobertas da Ilha dos Lençóis”. *Parla*, 5 (1): 16-18.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. 1994. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- LAPLANTINE, François. 1991. *Antropologia da Doença*. São Paulo: Martins Fontes.
- LEACH, Edmund. 1983. “O gênese enquanto um mito”. In DA MATTA, Roberto. (Org.) *Edmund Leach: Antropologia*. São Paulo: Ática, p. 57-69. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 38)
- LENÇÓIS. Jan./fev. 1989. *Vagalume suplemento cultural do Diário Oficial do Estado do Maranhão*. 1(2).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela M. 2001. “Pajelança e encantaria amazônica”. In PRANDI, Reginaldo (Org.). *Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, pp. 11-58.
- MORIN, Edgar. 1997. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago.
- MOURA, Flávia & CORREA, Lucimara. fev. 2004. “Os filhos da lua: albinos resistem em ilha do Maranhão”. *National Geographic Brasil*. 46 (4): 12.
- \_\_\_\_\_. Ago./set. 2004. “Ilha de encantos”. *Almanaque JP Turismo*. I (3): 14-18.
- PAVONE, Antônio Paulo. 31 jan. 2002. “A Floresta dos Guarás”. *Estadão: on-line*. Disponível em: <http://www.jt.estadao.com.br/suplementos/turi/2002/01/31/turi003.htm>
- PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. 2000. *O Imaginário Fantástico da Ilha dos Lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Belém: PPGAS/UFPA.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Ecoturismo e Patrimônio Cultural na “Ilha Encantada”*. Projeto de Tese em Sociologia. João Pessoa: PPGS/UFPB.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1976. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega.
- RIBEIRO, René. 1982. “Movimentos messiânicos no Brasil”. In \_\_\_\_\_. *Antropologia da religião e outros estudos*. Recife: Massangana.
- ROCHA, Ana Augusta. 1996. “Ilha de Lençóis (MA): a encantada = Lençóis, the enchanted island”. In *Brasil Aventura 3: Ilhas: Paraísos na Terra = Islands: Paradises on Earth*. São Paulo: Terra Virgem.
- RODRIGUES, Madi. 6 fev. 2002. “Filhos do encanto”. *Isto É*. 1688: 42-44.
- RODRIGUES, José Carlos. 1986. *Tabu do Corpo*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense.